



Dossiê Juventudes e Educação Geográfica

Dossier Juventudes y Educación Geográfica

Dossier Youth and Geographical Education

LANA DE SOUZA CAVALCANTI

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
lscavalcanti17@gmail.com

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,
RS, Brasil
victor.nedel@ufrgs.br

É com imensa alegria que apresentamos o dossiê “Juventudes e Educação Geográfica”, publicado neste volume da Pesquisar – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia. A proposta deste dossiê nasce da convicção, cada vez mais presente em nossas trajetórias, de que há uma demanda urgente por espaços de produção, divulgação e debate sobre as articulações entre os estudos de juventudes e o campo da educação geográfica. Tal demanda tem se manifestado de forma expressiva em encontros acadêmicos da área, em disciplinas de formação docente e em experiências de pesquisa e extensão, revelando o crescimento e a vitalidade desse campo. Este dossiê é, portanto, fruto de um esforço coletivo em reunir trabalhos que, a partir de diferentes abordagens teóricas e metodológicas, tratam das múltiplas interseções entre juventudes, escola, território, docência e práticas espaciais.

Os artigos aqui reunidos abordam uma diversidade de temáticas e contextos, compondo um mosaico de experiências e

reflexões que ampliam os horizontes da educação geográfica, a partir dos cotidianos juvenis. São discutidas as espacialidades de jovens em cidades pequenas, as relações entre juventudes negras e a formação docente antirracista, os impactos da violência estrutural nas experiências escolares, as práticas pedagógicas críticas nas periferias urbanas e as possibilidades de construção de cidadania territorial ativa. Destaca-se a potência transformadora da articulação entre coletivos culturais juvenis, escola pública e universidade, revelando caminhos inovadores para pensar o currículo, a prática docente e o reconhecimento das juventudes como sujeitos geográficos. Juntos, os textos afirmam a importância de incorporar as vivências juvenis aos processos formativos e ao ensino da geografia, tensionando silêncios, desafiando estereótipos e apontando para práticas educativas comprometidas com a justiça social, o reconhecimento das diferenças e a produção coletiva de saberes.

O artigo “Jovens escolares e suas práticas espaciais em cidades pequenas: potencialidades para ensinar e aprender geografia”, de Afonso Vieira Ferreira e Lana de Souza Cavalcanti, contribui de forma significativa para o diálogo entre juventudes e ensino de geografia ao investigar as práticas espaciais de jovens do ensino médio em cidades pequenas do Tocantins. A partir de uma abordagem qualitativa, os autores exploram como os vínculos dos jovens com os espaços urbanos cotidianos são atravessados por limites e possibilidades que, por sua vez, impactam diretamente na maneira como a Geografia pode ser ensinada e aprendida nesses contextos. Ao lançar luz sobre as especificidades das espacialidades juvenis fora dos grandes centros urbanos, o estudo amplia o repertório de compreensões sobre a diversidade de experiências juvenis no Brasil e reforça a importância de considerar os territórios vividos pelos jovens como ponto de partida para práticas pedagógicas mais significativas. Trata-se, portanto, de uma contribuição essencial para repensarmos o ensino de Geografia a partir dos cotidianos juvenis e das particularidades das cidades pequenas — um campo ainda pouco explorado e repleto de potencial.

Já o texto "Por uma identidade docente antirracista: o percurso acadêmico de jovens estudantes negras em um curso de geografia", de Gabriela Borba Bispo dos Santos e Victor Hugo Nedel Oliveira, contribui de forma sensível e potente para os debates sobre juventudes, formação docente e educação antirracista. A partir do acompanhamento das trajetórias de jovens mulheres negras em um curso de geografia, o texto evidencia os desafios e as resistências que marcam o processo de constituição de identidades docentes atravessadas por marcadores sociais como raça e gênero. As autorias propõem reflexões fundamentais para o campo da educação geográfica e do ensino de geografia, especialmente ao apontarem a importância de se considerar os territórios negros e as vivências racializadas, como parte constituinte da prática pedagógica. Ao articular juventudes, educação e geografia com uma perspectiva antirracista, o artigo amplia os horizontes da formação de professores e tensiona os

silêncios ainda persistentes nas licenciaturas, reiterando a urgência de práticas educativas comprometidas com a equidade e a justiça social.

O artigo “Violência estrutural e jovens escolares: reflexões sobre espacialidade e implicações para o ensino de geografia”, de Magno Emerson Barbosa da Silva, por sua vez, traz uma contribuição fundamental ao evidenciar como a violência estrutural afeta diretamente as experiências espaciais de jovens no ambiente escolar. Por meio da análise documental de registros oficiais de violência em escolas de Goiânia entre 2017 e 2018, o autor mobiliza uma leitura crítica da espacialidade escolar como arena de produção de desigualdades e de múltiplas territorialidades juvenis. O texto se destaca por articular teoricamente o conceito de espacialidade com a vivência concreta da juventude diante da violência, propondo uma reflexão urgente sobre como o ensino de geografia pode (e deve) incorporar esses temas em suas práticas pedagógicas. Ao fazer isso, o artigo afirma a potência do campo das Geografias das Juventudes ao revelar o papel ativo dos jovens na produção dos espaços escolares e ao instigar práticas docentes comprometidas com a justiça social.

No artigo “Educação geográfica e cidadania territorial. O projeto Nós Propomos! ou uma revolução discreta. O exemplo da Escola do Cadaval/Portugal”, o professor Sérgio Claudino analisa uma experiência concreta de protagonismo juvenil no ensino de geografia, articulando saberes escolares, conhecimento territorial e práticas cidadãs. A partir da implementação do projeto Nós Propomos! - reconhecido como o maior projeto internacional de educação geográfica, com forte difusão no espaço ibero-americano -, jovens do município rural de Cadaval, em Portugal, elaboraram propostas para problemas locais que os afetam diretamente. A iniciativa, ao estimular o pensamento crítico, a criatividade e a escuta ativa entre escola e poder público, evidencia o potencial transformador de práticas pedagógicas centradas na participação juvenil. O texto contribui de maneira significativa para o campo das Juventudes e Ensino de Geografia ao demonstrar como é possível promover uma cidadania territorial ativa a partir da sala de aula, revelando o que o autor denomina de “revolução discreta” nas práticas escolares - uma transformação sutil, mas profundamente relevante, para a formação de sujeitos geográficos conscientes e atuantes.

O artigo “Ensinar geografia a contrapelo das representações dominantes de juventudes e suas espacialidades urbanas periféricas”, de Mário Pires Simão e Marcelo Pessoa da Silva, propõe uma reflexão crítica e urgente sobre as relações entre juventudes, urbanização e ensino de geografia. A partir de uma análise das representações hegemônicas sobre o urbano e sobre os jovens moradores das periferias, o texto confronta a lógica dominante que marginaliza essas espacialidades, desafiando os estereótipos frequentemente reproduzidos no contexto escolar. Ao defender a valorização das territorialidades insurgentes e das vivências juvenis nos espaços urbanos populares, os autores demonstram o potencial transformador da

geografia escolar quando esta se alia a uma pedagogia contra-hegemônica. O artigo se destaca por contribuir para o avanço das Geografias das Juventudes ao propor um ensino comprometido com a justiça territorial e com o reconhecimento das juventudes como sujeitos plenos de saberes e direitos urbanos.

Por fim, o artigo "Tecendo redes entre coletivos culturais juvenis e escola", de Nécio Turra Neto, Ana Carolina dos Santos Marques e Fabiana Alves dos Santos, apresenta uma experiência potente de articulação entre a universidade, a escola pública e os coletivos culturais juvenis periféricos, tendo como eixo central as temáticas de raça, gênero e território simbólico. A proposta, desenvolvida em uma escola de Presidente Prudente (SP), mobilizou a linguagem da poesia marginal e o diálogo com o coletivo Quilombo de Dandara como estratégia pedagógica para aproximar os saberes produzidos nos coletivos juvenis daqueles que circulam no espaço formal da escola. O texto evidencia a relevância de reconhecer as juventudes como sujeitos produtores de conhecimento e cultura, reforçando a importância de práticas pedagógicas que valorizem suas experiências, expressões e resistências. Ao articular extensão universitária, práticas escolares e culturas juvenis, o artigo contribui para alargar o campo da educação geográfica e do ensino de geografia ao incorporar dimensões subjetivas, identitárias e territoriais das juventudes, apontando caminhos sensíveis e críticos para uma educação mais comprometida com a realidade dos jovens.

Reafirmamos, por fim, nosso compromisso com a construção de uma Educação Geográfica que reconheça as juventudes em sua pluralidade, potência e centralidade nos debates educacionais e espaciais contemporâneos. Os textos aqui reunidos vão além do aprofundamento do diálogo entre juventudes e geografia: eles instigam novas perguntas, deslocam certezas e abrem veredas para práticas pedagógicas mais justas, críticas e comprometidas com os territórios vividos. Que este conjunto de reflexões inspire docentes, pesquisadoras e estudantes a seguir investigando, ensinando e aprendendo com e a partir das juventudes - sujeitos que, com suas experiências, lutam e criam geografias outras, cotidianamente.

Boa leitura!

Os Organizadores.

Outono de 2025.